4.° ANO LISBOA—QUARTA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO DE 1924 N.° 1070

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195 Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

HA poucos dias, á porta do Café Martinho, passou se esta scena pitoresca, que está intimamente ligada com o lançamento de bombas que tanto tem alarmado os proprietarios de cafés, hoteis e restaurantes:

A uma mesa do café sentou-se um individuo de aparencia suspeita, que despertou a atenção dos criados e da policia que guarda aquele estabelecimento. Depois de ter feito para fóra alguns sinais incompreensiveis, o misterioso freguês pagou a conta e saiu, tendo conseguido passar sem que a policia lhe puzesse a vista em cima.

Dado o sinal de alarme, logo um civico vigilante se pôs em campo, dando voz de prisão a um individuo que passados alguns instantes se dispunha a entrar, despreocupadamente, no café.

—Ora essa! Preso porquê?—recalcitrou o viandante.

—Decline a sua identidade.

—Pois não. Sou agente da policia de segurança do Estado. Aqui tem o meu cartão

—Está bem. Pode seguir. Julguei que era bombista.

E aqui está como a policia lançou, infundadamente, uma grave suspeita sôbre um legitimo representante das autoridades preventivas.

* * *

CONTOU ontem o *Diario de Lisboa* que os restos mortais do heroico oficial João Francisco de Sousa ha oito dias que estavam esquecidos no vapor *Beira*, ancorado no Tejo.

Muita gente exclamou:

—«Que vergonha!—

A nossa indiferença para com os mortos da guerra tem sido estupenda.

Como se explica que, áparte os clamores de alguns patriotas menos egoistas, nós ainda não honrassemos devidamente os que deram o seu sangue pela Patria?

A propria comemoração do Soldado Desconhecido foi qualquer coisa que passou, sem agitar e emocionar profundamente as almas.

A Batalha—distante, solemne e povoada de sombras hieraticas—não se presta ás romagens populares de saudade.

Quando chegará a hora em que nós compreendamos o nosso dever para com os que caíram em Flandres e na Africa, trazendo-os para junto do nosso coração?

* * *

ESCREVE-SE agora, a proposito duma problematica convocação imediata do Congresso, em «reunião por direito proprio». Se fôsse assim, era só a 2 de dezembro.

O melhor nestas coisas é registar as disposições precisas. Marca a Constituição: «Art. 11.°—O Congresso da Republica reune por direito proprio, na capital da nação, no dia 2 de dezembro». «Art. 12.°—O Congresso poderá ser convocado extraordinariamente pela quarta parte dos seus membros ou pelo poder executivo». «Art. 47.°, n.° 2. (Atribuições do Presidente da Republica). Convocar extraordinariamente as Camaras Legislativas quando assim o exija o bem da nação».

Nota complementar explicativa: sendo 71 os senadores e 163 os deputados, a convocação extraordinaria terá de ser requerida por 69 congressistas. O *quorum* actual para as sessões nos deputados é 55.

* * *

PARTIU hoje para Coimbra o nosso querido camarada Artur Portela.

CABO VERDE

A Administração Geral dos Correios e Telegrafos já se atrasou na entrega dos rendimentos das taxas telegraficas que pertencem a Cabo Verde. Seria conveniente que o sr. Administrador Geral entregasse o dinheiro que não pertence á sua Administração, devendo lembrar-se que, apenas Cabo Verde tem direito a 50 %, mas que de justiça deveria receber quasi a totalidade desse rendimento. Contente-se de arrecadar a parte que recebe indevidamente, mas legalmente por a lei de 1914 ter atribuido a Cabo Verde apenas 50 %, mas não queira abusar de qualquer situação privilegeada na politica para continuar a ficar com a parte que pertence a Cabo Verde. Lembre-se que aquela Colonia tem grandes necessidades, e que, no ano de 1919 para 1920, morreram de fome mais de vinte mil pessoas, e não queira obrigar-me mais uma vez a declarar no Senado, que a D. G. dos C. e T. é a assassina dos Caboverdeanos.

Eu tenho muita estima e até admiração pelo sr. Administrador, e isto é dito com a maxima sinceridade, mas tambem desejo um pouco mais de consideração, não por mim, mas por Cabo Verde. Não me obriguem a atitudes energicas que tão desagradaveis me seriam, mas que eu para defender a minha Colonia não deixarei de assumir, passando por cima de tudo, se assim fôr preciso, porque como já tive ocasião de dizer no Senado, sou português de sangue e de coração, mas acima de tudo sou Caboverdeano.

Mas, eu não devo só culpar a D. G. dos C. e T., porque é de justiça impôr responsabilidades ao sr. ministro das Colonias pelo atraso que se observa na cobrança do rendimento que pertence a Cabo Verde, porque nós não precisamos da tutela de ninguem, somos autonomos e não necessitamos que as receitas que nos pertencem de direito e por lei sejam cobradas por outra entidade, podendo e devendo o sr. ministro das Colonias cobrar essa receita directamente da Companhia do Cabo Submarino. Se para isto a autonomia das Colonias não fosse suficiente, tem o sr. ministro ao seu dispôr o dec. 7889, de 8 de desembro de 1921, que manda que a Companhia preste contas directamente ao ministerio das Colonias. Eu espero que assim se fará de hoje para o futuro para me poupar algum desgosto, evitando-se tambem que o Governo Metropolitano seja justamente arguido de causador de tão desumanas atrocidades.

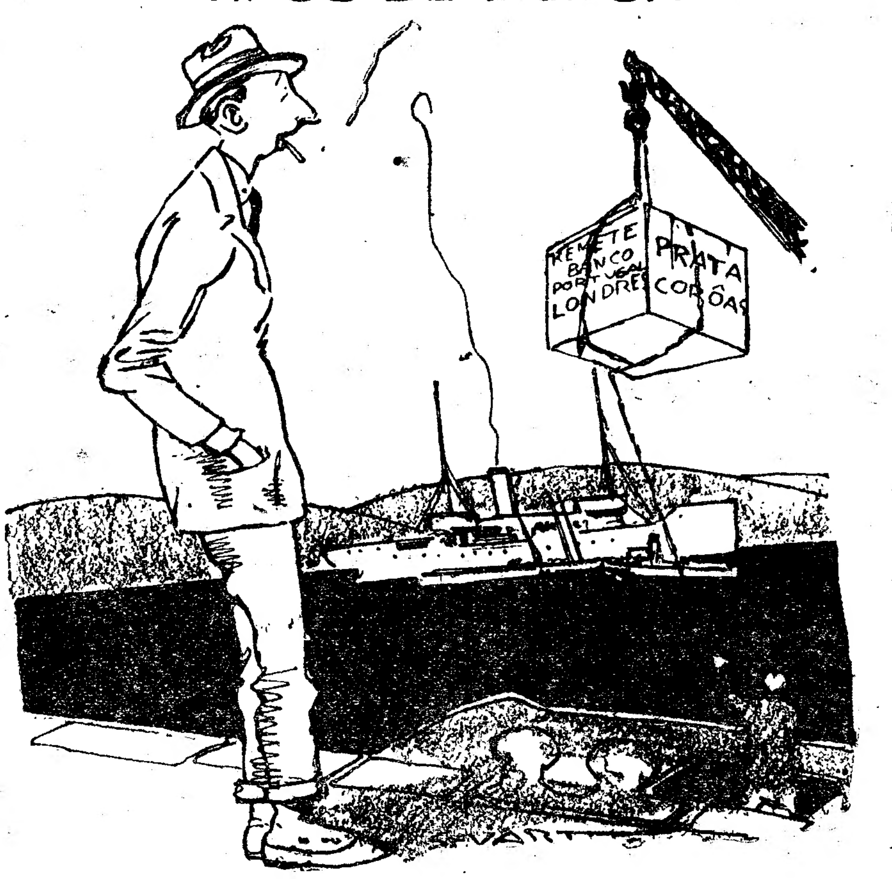
Depois de tantas relamações, estando a A. C. dos C. e T. a dever a Cabo Verde rendimentos desde 1914, resolveu pagar o de 1922, que ao cambio que ela quiz fazer, importou em cerca de *dois mil contos*, que foram depositados na Caixa Geral dos Depositos, ficando assente que entregaria trimestralmente a quota parte de Cabo Verde, mas com desculpas varias, tem deixado de entregar todo o rendimento de 1923 e do ano corrente, estando orçado o deste ano em *dez mil contos*, devido ao cambio por que é cobrado o franco ouro.

Acontece, porém, que um ex Ministro das Colonias, sem consultar a Colonia, lança mão desse deposito e faz um emprestimo á Provincia de Moçambique, de forma que os funcionarios reformados e licenciados de Cabo Verde, que se encontram aqui, estão atrasados nos seus vencimentos e diariamente vão ao respectivo Ministerio reclamar o pagamento, obtendo como resposta que Cabo Verde não tem dinheiro na Metropole! Já se viu um abuso tão inqualificaval como este?

Ha 10 anos que venho reclamando contra a arbitraridade que tem cometido a D. G. dos C. e T., que gasta em seu proveito proprio aquilo que não lhe pertence, e nem o Parlamento nem o Poder Executivo, me tem ouvido. Agora apelo para a opinião publica de todos os portugueses honestos, e apelarei depois seja para quem fôr, para que a minha Colonia não continue a ser espoliada, visto que o Governo da Republica não tem força para fazer cumprir uma lei do Paiz.

Augusto Vera Cruz
(Senador)

TIPOS DE LISBOA



—Não me ralo. As «corôas» podem ir-se embora, comtanto que fiquem os tostões...

ELE e ela eram dois aventureiros que se faziam passar por titulares — os marqueses de Campaubert.

Alugaram um *chateau*, autenticamente brasonado. Como não tinham recursos, viviam de expedientes, burlando a humanidade.

Lembraram-se um dia de tentar um grande golpe—atraír meia duzia de joalheiros parisenses, sob o pretexto de lhe comprarem joias de grande preço, mas com a intenção reservada de os cloroformisarem, roubando-os em seguida.

Como o castigo segue sempre o crime, a passos lentos, no dizer de Homero, a policia veiu primeiro que as perolas. O falso marquês foi logo preso. A suposta marquesa conseguiu evadir-se, mas pouco depois tinha a mesma sorte.

Habilmente interrogada, em Saint Malo, fez uma confissão geral.

Houve tanta emoção e sinceridade nas suas palavras que parecia sair-lhe pela boca o coração.

Um jornalista comentou:

—«Esta creatura mostra certo geito para pessoa de bem, mas comove-se tanto a contar a sua historia que a gente, sem dar por isso, sente vontade de lhe dizer que não acredita—ao menos para não sermos vitimas dos seus sentimentos, que são mentirosos, dos nossos que ela perturba.»

* * *

O SR. ministro do Comercio é um homem que, sendo justo, não teme ser energico.

A sua atitude, perante o relatorio do sindicante aos serviços da nossa representação, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, marca um exemplo e define um caracter.

As transigencias que comprometem, quando não degradam, não lhe estão no feitio.

O sr. ministro do Comercio, procedendo como procedeu — processar não é infamar — coloca os acusados na situação de se defenderem com plena liberdade, sem que jamais se diga que beneficiaram de qualquer favoritismo.

A justiça encontra assim uma ocasião excelente para ser equitativa e a lei um pretexto admiravel para estabelecer o seu imperio acima dos homens e das suas paixões.

* * *

O ASSASSINO do enfermeiro Barbosa declarou a um jornalista que não sente sombra de remorso pelo seu crime.

Escusava mesmo de o dizer, porque o remorso é uma luz que rompe na escuridão e que só avança para os criminosos, se estes são capazes de perceber que a treva que os cerca não está nas coisas, mas na sua propria consciencia.

Poderá um ex-homem fazer esta subtil distinção, a qual os proprios personagens de Shaekspeare declaram dificil?

* * *

ACOMPANHADO de sua esposa e de suas filhinhas, regressou a Lisboa o nosso muito querido amigo sr. Alvaro de Andrade, secretario da redacção do *Diario de Lisboa*.

* * *

A PROPOSITO de Cabo Verde, recebemos uma carta do sr. deputado Viriato da Fonseca, que ámanhã publicaremos.

Pelo «sport»

A «nobre arte» em Portugal

O «box» em Portugal não está ainda feito e não logrou ainda, por isso, conquistar de vez a simpatia de toda a grande massa popular. Ha anos que se fazem tentativas, no campo da organisação, trazendo-se a Lisboa pugilistas estrangeiros de cotação e promovendo-se encontros entre os nacionais de mais destaque; mas, umas vezes por defeitos fundamentais ou tecnicos de organisação, outras vezes por culpa de alguns combatentes, nem sempre devidamente preparados, parte dos espectaculos realisados não alcançaram o brilho necessario para que a belissima e racional esgrima que é o «box» tomasse entre nós o justo brilho e popularidade que tem em outros paises.

Recentemente fizeram-se em Lisboa organisações que estiveram longe de prestigiar a «nobre arte» e o *Diario de Lisboa* gritou a necessidade de aparecer alguem com o entusiasmo e os recursos necessarios para promover uma série de sessões pugilisticas de verdadeiro interesse. O brado foi ouvido, foi ponderado e foi atendido. Formou-se em Lisboa, com esse intuito e por iniciativa dum «sportsman» de largo espirito de organisação, um grupo de propaganda que ficou sob a denominação de Comité Organisador dos Grandes Combates Internacionais de Box.

Uma iniciativa inspirada por um apelo do *Diario de Lisboa* não podia deixar de merecer a este jornal o maior carinho. Logo que tivemos conhecimento da constituição do Comité, procurámos o seu principal organizador, aquele que lançára a ideia entre «sportsmen» amigos e que muito naturalmente devia ter a presidencia em todos os planos e trabalhos.

E, assim, o *Diario de Lisboa*, pelo que ouviu, pode hoje afirmar aos seus leitores que vão passar por Lisboa, num racional «crescendo» de valores, pugilistas europeus de superior cotação e, num futuro que não virá longe, as principais «estrelas» do «box» mundial.

O plano é vasto, é seguro e é inteligente. O Comité procurou primeiro assegurar-se duma casa de espectaculos ampla e apropriada e da probabilidade de realizar uma serie de sessões seguidas. Só com a primeira poderia esperar a compensação das enormes despezas que vai fazer; só com uma serie de sessões larga e brilhante em todos seus programas, conseguiria apresentar ao publico de Lisboa o «box», tal qual ele é nas suas mais preciosas manifestações, e acabar por incutir-lhe de vez e solidamente o apreço e gosto pela nobilissima arte do ataque e defeza natural do homem.

Já no sabado, noite marcada para a primeira sessão, o publico verá sobre o «ring» do Coliseu os «meio-medios» franceses Young Oliva e Wittezaele, o «leve» francês Pessiete, campeão do Longuedoc e dos Pirineus, e o «leve» italiano Leo Jiunchi, campeão oficial do seu país.

Young Oliva, que conta, entre os seus derrotados, homens como o francês Bonroy, o italiano Buchianery e o francês Max Henri, bem nosso conhecido, será adversario de Faustino Pereira; Wittezaele, um dos melhores pugilistas da 2.ª série franceza, combaterá Albano Martins; Leo Jiunchi terá contra si Pessieto, que, entre bons exitos da sua carreira, conta combates nulos com os famosos Sirvain e Dastillon «O furacão» como lhe chamam os franceses, uma vitoria por K. O. sobre o duro francês Carbonnel e uma honrosa derrota aos pontos sofrida do inglês Seaman Hall, campeão da Europa.

Bastava este ultimo combate para provar o valor de Pessieto. Um pugilista que merece ser oposto ao campeão da Europa é incontestavelmente «alguem» no mundo do «box».

* * *

Os combates luso-franceses são de 10 «rounds» e o encontro. Pessieto-Juinchi 15 de Em todos serão utilisadas as luvas de 4 onças.

* * *

A marcação de bilhetes para o espectaculo do dia 4 está aberta na rua dos Correeiros, 247, até quinta-feira.

DIA RELIGIOSO

A'manhã, 2.—Reza-se os Santos Anjos Custodios, Duplex, maior, Paramentos brancos; na missa propria, Credo.

LAUSPERENE—Na Capela da Ordem 3.ª de S. Francisco (a Jesus).

FESTIVIDADES—Sé, ás 11, Côro; ás 12, missa, e vesperas; S. Roque, ás 9 horas, missa rezada.

Martires, ás 10 horas, missa resada; Conceição Velha, ás 12 horas, missa rezada; Santos-o-Velho, ás 11,30, missa solene, reposição do Sagrado Lausperene, por musica.

Ordem 3.ª (a Jesus)—A's 11,30, festa a S. Luís Rei de França, com missa solene, por musica e sermão; ás 18, adoração e actos desagravo.

Corpo Santo, ás 19 horas, Terço do Rosario e benção do SS.mo

Mês do Rosario

Nas igrejas onde se faz esta devoção.

UMA CARTA

A arte

só pela arte

não satisfaz o espirito

de todo aquele para quem o aperfeiçoamento

é uma necessidade

Do sr. Zuzarte de Mendonça (filho) recebemos a seguinte carta:

... *Sr. Director*:—Os meus melhores cumprimentos—e um cantinho do seu jornal!

Para quê? para lançar um brado de revolta e um apelo vibrante e sincerissimo a determinada corrente da geração intelectual de hoje—que tantas esperanças e surprezas reserva—e em quem a ideia, fundamentalmente erronea, da «Arte pela Arte» parece já assentar num principio deploravel de pessima formação literaria.

Não sou «puritano», sr. Director, mas julgo que esta maneira de «fazer Arte» é, de algum modo e hoje mais do que nunca, antipatica, criminosa e inoportuna.

Sei de livros—brevemente a entrar no prelo—para cuja confecção se rebuscaram escandalos e scenas pôdres da vida que, a bem da propria sociedade, deveriam ficar na sombra, mas que, pelo contrario, se analisaram, se autopsiaram friamente, dando-se-lhe as justificações mais estravagantes e mais escabrosas, rendilhadas e douradas por imaginações excitadas e doentias.

Terá tudo isto beleza e talvez que afinal constitua uma exuberante consagração de genio... Mas o que tambem é certo é que toda a beleza, para ser indestrutivel e duradoura, deve ter o seu lado moral ou, pelo menos, tender a ele.

Olavo Bilac, que nunca foi «futurita» e é, sem favor, dos maiores ornamentos das letras brasileiras, afirmou algures que a «Arte» não póde ser simplesmente um «recreio efemero do espirito». Com efeito, que lucram as sociedades e que lucra a «Arte» em trazer, pela pena, pelo cinzel ou pela palavra—nas paginas dos livros ou nas scenas de teatro, nos contornos rigidos do marmore ou nas sugestões palpitantes da eloquencia—as muitas coisas negras que a vida, infelizmente, encerra á luz clara do dia? Para que ver beleza e «motivo» naquilo que a mesma «Arte» devia repelir e até em proveito proprio?

«Arte» sómente pela «Arte» não satisfaz o meu espirito como não póde satisfazer o espirito de todo aquele para quem o aperfeiçoamento é uma necessidade e a consciencia desta mesma necessidade um impulso e um estimulo. Beleza é irmã de perfeição e esta, na sua marcha para o alto—porque nunca desce—vai subindo sempre, sempre, até si mesma, até á sua Origem, passando os Astros, ultrapassando os mundos, fundindo-se em Deus, que é a Fonte inexgotavel donde irradiou.

Esta a beleza sã, a beleza-moral, a verdadeira beleza.

A outra—tudo tem o seu reverso—é morbida e dissolvente; mais sedutora, mais acessivel talvez, mas, por isso, mais enganadora e mais falsa.

Repudiemos esta beleza e não empeçonhemos nela a «Arte» que deve ser, pelo contrario, a sua mais ardente e legitima inimiga. E a literatura portuguesa, mais do que nunca, deve ser um escrinio precioso de bons ensinamentos e de sãs doutrinas para que as sociedades vão nela temperar os seus caracteres e equilibrar as suas inteligencias. Para que fazer dela um «meio» de corrupção quando póde e deve ser o porta-voz formidavel da regeneração, da redenção?!

O artista—e com especialidades o escritor e o poeta—mais do que para si, deve pensar e progredir para os outros.

E permiti, sr. Director, que, num apelo de todo o meu coração onde se encontra talvez uma dose excessiva de optimismo, eu volva os olhos para a brilhante geração intelectual do meu tempo, sobretudo para a dos poetas que aspiram o perfume da Crença e fazem do Amor, não uma revolta, mas uma oração bendita, e lhes diga que ser poeta, ser artista, é uma graça divina que os outros, os profanos, não sabem compreender.

Permita-me ainda, sr. Director, que lhes diga que cantar a Patria que os viu nascer, o berço que os embalou, o trabalho que os glorificou, a Mãe, a Esposa, os principios austeros da moral, o lar e o sofrimento, o sofrimento que redime e que sobra, é mais nobre e é mais santo do que manejar a pena ao sabor da inspiração do momento.

E depois, como disse René Bazin, tem os sonhos as fantasias gentilissimas de que é feito o seu espirito.

Não desperdicem tempo em frivolidades mesquinhas. Olhem para si proprios e á roda de si para as maravilhas da Criação: o mar, o ceu, a oliveira que medra e dá o azeite da candeia, o lirio branco dos campos e as gargantas das montanhas que convidam o espirito a pairar, como elas, junto do trono de Deus. As ondas revoltas do oceano, as harmonias longinquas das ninfas e o raio fugitivo de luar que, em noite de invernia, mandado do ceu, vem, de monte em monte, de pedra em pedra, de folha em folha, misericordiosamente, piedosamente, alumiar a estrada ao caminheiro exausto.

E sobretudo, adquirindo a geração intelectual do meu tempo a certeza e a intuição de que «Arte pela Arte» é um contra-senso e, socialmente, um «crime», que faça do Amor, á semelhança de João de Deus, não a luxuria dos sentidos, como certas «sacerdotizas» querem demonstrar, mas qualquer coisa de divino e de grande, que vive, sofrendo e cantando, junto da graça infinita de Deus...

Pela publicação desta carta muito lhe agradece o—De v., etc., *Zuzarte de Mendonça* (filho).

Grande REDUÇÃO DE PREÇOS — na — CASA PIRES D'ALMEIDA, Lt.ª
Rua Augusta, 271 a 275
LISBOA Tel. N. 3230
DURANTE O MÊS DE OUTUBRO
para remodelação dos nossos «stocks» de final de estação, todas as compras a dinheiro de qualquer dos artigos que constituem o nosso colossal sortimento das mais recentes novidades em TECIDOS DE LÃ, SEDA E ALGODÃO, para senhora, homem e criança beneficiarão e
Desconto especial de 10 0|0
SOBRE TODOS OS PREÇOS MARCADOS
Fornecem-se amostras para confronto a Lisboa e provincias

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calcada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE, FAZEM-SE A 500$00 : FABRICAÇÃO GARANTIDA
TRAVESSA DA QUEIMADA, 31, loja

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º—RUA AUGUSTA—70, 2.º
TELEF. C. 1196

DURANTE ALGUNS DIAS
GRANDE LIQUIDAÇÃO POR :: MOTIVO DE BALANÇO ::
Esplendidas fazendas para fatos dos preços seguintes:
19$50 28$00 35$00 38$00
25$00 32$50 37$50 39$50
Enorme sortido de todas as fazendas com grandes abatimentos.
RETALHOS!!
Visitem os depositos dos fabricantes da Covilhã
DONAS & C.A
Em Lisboa: Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
Pedimos a maxima atenção para os numeros dos nossos depositos.
No Porto: Rua Fernandes Tomaz, 392-A

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Feliciana de Ortigão Burnay, D. Adelaide Telude de Sommer, D. Maria Barbara Segurado Avelar Machado, D. Maria de Lourdes Tito Monteiro de Melo Queirós e D. Declinda Pinto de Azevedo Dias Ferreira.

E os srs.:

Dr. Francisco da Silva Telo de Noronha (Vagos) D. Luis da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), dr. Alexandre Proença de Almeida Garrett e Julio Cesar de Rezende.

Diplomatas

São esperados no proximo sabado, vindos da Belgica, os srs. Condes de Llthetervede, ministros daquele pais em Portugal.

—Parte brevemente para Inglaterra o sr. Grant Watson, 1.º secretario da embaixada ingleza entre nós.

Casamentos

Foi pedida em casamento a senhora D. Fernanda Noemia Rebelo da Silva, gentil filha da senhora D. Amelia do Carmo Rebelo da Silva e do sr. Guilherme Rebelo da Silva, pelo sr. Antonio Domingos Amaro, para seu filho Antonio.

—Realizou-se ha dias o casamento da senhora D. Berta Leonor de Sousa, com o sr. Manuel Martins, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, sua mãe e seu padrasto e por parte do noivo sua irmã e cunhado.

A ceremonia efectuou-se na paroquial igreja da Conceição Nova, tendo-se seguido a celebração da missa, finda a qual houve um elegante «lunch» em casa do cunhado do noivo.

—Com grande solenidade, realizou-se na parequial de S. João Baptista, no Cartaxo, no dia 4 do corrente, o casamento da senhora D. Laura Bona da Silveira, filha do sr. José Francisco da Bona Junior e da senhora D. Guilhermina Silveira Bona, com o sr. Duarte José Lima.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, o sr. Rafael Moreira de Carvalho e sua esposa a senhora D. Laura de Carvalho e por parte do noivo o sr. José Duarte Lima e sua esposa a senhora D. Alice Guerra Lima. Finda a ceimonia religiosa foi servido na quinta das Varzeas, propriedade do noivo, um delicado «lunch». Na «corbeille» viam-se lindas e valiosas prendas.

—Realizou-se ha dias, na capela do palacio de Queluz, o casamento da senhora D. Emilia Oliveira da Silva, filha da senhora D. Antonina Ferraz de Oliveira da Silva, já falecida, e do sr. Joaquim Dias da Silva, com o sr. Fernando Spratley Marques, filho da senhora D. Elvira Spratley Marques e do sr. Antonio Caetano Marques, já falecido.

Serviram de madrinhas as senhoras D. Emmy Oliveira da Silva, cunhada da noiva e a mãe do noivo, e de padrinhos o pai da noiva e o Carlos Alberto Spratley, primo do noivo. A seguir ao acto religioso que revestiu a maior intimidade, foi servido em casa do pai da noiva um delicado copo dagua.

Em viagem

Regressou do norte o sr. dr. Antonio Viana.

—Com sua esposa regressou de Tancos o sr. Manuel Correia Nunes.

—Partiu para Barcelona o sr. Eugenio Noronha de Barros.

—Regressou do palacio de Vila do Conde á sua casa em Lisboa a senhora D. Edeltrudes da Camara Rodrigues.

—Encontra-se com sua esposa, a senhora D. Amelia Pinto da Rocha, na praia da Granja o sr. Octavio Pinto da Rocha.

—Regressou do palacio de Vila do Conde ao seu solar em Marco de Canavezes, com sua gentil sobrinha, a senhora D. Maria da Gloria de Noronha e Tavora Crispiniano da Fonseca.

—A sua casa em Lisboa regressou do palacio de Vila do Conde a senhora D. Elvira Jara de Albuquerque Orey, e seu marido o sr. Ruy d'Orey.

—De Vila do Conde regressou á sua casa em Braga, com suas gentis irmãs D. Maria Tereza e D. Alice, o sr. Domingos Araujo Afonso.

—Encontra-se no Porto, regressando no proximo sabado a Lisboa, com sua [illegible] e sobrinha, o sr. dr. Antonio Horta e Costa.

—Partiu para a Praia da Granja o sr. Armando da Camara Rodrigues.

—Com sua esposa, segue hoje para Lourenço Marques, a bordo do «Moçambique», o nosso colega na imprensa, sr. Adelino Ferrão Castelo Branco.

Pontos de reunião

Agenda

Com o regresso de muitas familias da nossa primeira sociedade começam já a ser muito distintamente concorridas as «soirées» da moda, ás quartas e sabados, no Cinema Condes. Egualmente as «matinées» e «soirées» do Salão Foz têm tido uma concorrencia elegantissima.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=Não ha espectaculo.
Nacional=Não ha espectaculo.
S. Luis=A's 21,15—«Montmartre».
Politeama=A's 21,30—«O Homem do Papagaio».
Trindade=Não ha espectaculo.
Avenida=Não ha espectaculo.
Apolo—A's 9,30—«Os Mineiros».
Eden=Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Réz-Vêz».
Gil Vicente=Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios=Não ha espectaculo.
Salão Foz=A's 21—Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Eden Cinema=Rua do Alvito.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.

Pianos Alemães
das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

OURO e prata, moedas antigas, joias, platina e dentaduras velhas. Compra a cobrir as maiores ofertas, e vende só pelo peso a Ourivesaria MERGULHÃO, Rua de S. Paulo, 162.

EPISTOLARIO

Alexandre Herculano

não faleceu no dia 12

mas sim a 13 de setembro de 1877

DARODES

Alexandre Herculano

Meu caro Alvaro de Andrade. — Ando ha dois dias sem vagar para fazer uma pequena rectificação ao suelto do «Diario», de 12, que começa: «Passa hoje o 47.º aniversario da morte de Alexandre Herculano...» Pois não passou tal; vocês adiantaram-lhe a consagração vinte e quatro horas. O mestre da *Historia de Portugal* faleceu duma pneumonia em Val-de-Lobos, cêrca de Santarem, a 13 de setembro de 1877.

Testemunham-no o seu discipulo e amigo Bulhão Pato (*Os ultimos dias de A. Herculano*, pags. 11 a 14); o seu detractor Teófilo Braga (*Encyclopedia Portugueza*, 5.º vol. pags. 538); o sabio historiador von Doellinger (*Elogio historico de A. H. recitado em Munich*, pag. 6 da edição portugueza); Caldas Cordeiro *Alexandre Herculano*, pag. 11); o seu intimo amigo dr. Vicente Ferrer (*Elogio historico de A. H. no Instituto de Coimbra*, pag. 29); *Almanach de Lembranças de 1879*, biografia por A. X. Rodrigues Cordeiro; Mendes dos Remedios, *Hist. da Literatura Portuguesa*, pag. 571; e muitos outros escritores, e quasi todos os jornais da epoca, cuja citação encheria paginas. Além de que, o monumento que nos Jeronimos lhe abriga as cinzas, erecto por subscrição nacional, tem gravada numa das faces a verdadeira data em que expirou: *13 de setembro de 1877.*

Simplesmente, Teofilo Braga escreve que o passamento de Herculano foi de madrugada, e em 1878. Ha um erro de hora e de ano. Faleceu 365 dias antes e cêrca das 5 horas da tarde.

Esclarecido o ponto, lembro a divulgação dum documento, que, embora já corra impresso, é, menos do que o devêra ser, conhecido do grande publico: o nobilissimo oficio que dirigiu em 1861 ao marquês de Loulé, então presidente do ministerio, renunciando ao titulo de par do reino com que D. Pedro V entendera decorá-lo.

Amigo mt.º afectivo e grato

M. Cardoso Martha

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Sua Magestade El-Rei, usando das attribuições do poder moderador Houve por bem honrar-me com a nomeação de membro da camara dos Dignos Pares do Reino. Será ocioso significar a v. ex.ª quanto aprecio esta demonstração de confiança d'um Soberano, que a historia póde qualificar como a mais nobre e pura intelligencia que tem resplandecido no throno portuguez, e que sabe ainda mais obrigar á affeição como homem do que ao respeito como magistrado supremo.

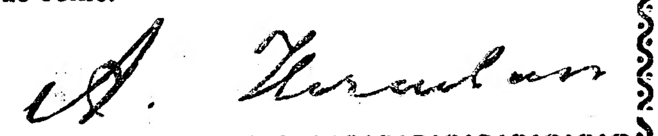
Mas as condições da humanidade alcançam reis e subditos: reis e subditos estão sujeitos a fazer apreciações inexactas ou incompletas. Podem illudir-se ás vezes tomando os impulsos da benevolencia pelas inspirações da justiça e é possivel que em relação a mim se desse uma circumstancia dessas.

Désse ou não désse, o que sei, o que me diz a consciencia com voz sobradamente intelligivel é que o meu concurso nas deliberações da camara dos Dignos Pares do Reino seria inutil, quando não inconveniente. Dispense-me v. ex.ª de expor as razões d'esta intima e invencivel persuasão, razões tristes para mim, e porventura demasiado longas e tediosas para v. ex.ª

Não creio que faltem em Portugal homens de saber e virtude que tenham esperança e fé. São esses que podem, sem a temeridade de Osa, erguer a mão para amparar a arca santa das instituições. É provavel que saibam faze-lo aquelles que n'esta conjunctura foram tambem honrados com a confiança da corôa.

Queira v. ex.ª levar a minha escusa de membro da camara dos Dignos Pares do Reino á presença de Sua Magestade El-Rei, que, acceitando-a benignamente, ajuntará uma prova mais ás muitas que já tenho da sua inexgotavel indulgencia para comigo.

Deus guarde a v. ex.ª — Lisboa 18 de maio de 1861. — Ill.mo e ex.mo Sr. Marquez de Loulé, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino.



Eden Teatro Telef. N. 3800
Sexta-feira, definitivamente — ás 9,30
Inauguração da epoca de inverno
1.ª repres. da magica em 2 actos e 14 quadros
O BOLO REI
original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão, música de Wenceslau Pinto

Teatro APOLO
HOJE — 2.ª representação da peça
OS MINEIROS

TEATRO SÃO LUIZ
Tel. C. 224 — HOJE, ás 9,15 da noite
UNICA REPRESENTAÇÃO
da notabilissima peça
Montmartre
Primorosa e inolvidavel criação de PALMIRA BASTOS

Teatro Politeama
Empresa Luis Pereira Telef. N. 3028
Sempre ás 9,30 da noite
Alegra o espirito Diverte a valer
O Homem do Papagaio
com Ilda Stichini, Teresa Gomes, Beatriz Delgado, Isabel Berardi, Joaquim Prata, Ribeiro Lopes, e Alvaro de Almeida, nos principais papeis
Preços reduzidos — Não ha locação

GRANDE-RESTAURANT
«SOLAR DA ALEGRIA»
PRAÇA DA ALEGRIA, 56
A'moços a 10$00
Jantares a 14$00
SERVIÇO PERMANENTE Á CARTA

A Cidade

Chá das cinco

«Soviets»

Ha dias o *Diario de Lisboa* publicou uma entrevista com o sr. Carlos Rates, dandonos as suas impressões sobre os *soviets*, que numa viagem á Russia observou de perto.

Da interessante estatistica de salarios, inserta na mesma entrevista, fixei que um operario vulgar ganha 40 a 50 rublos por mês; um operario qualificado 80 a 90 e um técnico de merecimento 200 a 300 rublos. Até aqui muito bem, mas vejamos o resto. Um medico ganha 40 a 50 rublos por mês, assim como um professor universitario e um oficial do exercito ganha 80 a 90 rublos.

Calculo que quem diz medico, professor ou militar, diz tambem, na mesma equivalencia, advogado, literato ou artista.

No meu raciocinio simples de mulher, imagino que dentro de pouquissimo tempo ninguem na Russia quererá ser professor, medico, advogado, militar, artista ou literato. E acho que têm muita razão. Mesmo os mais inteligentes e ambiciosos hão-de preferir ser operarios superiores, e tecnicos.

Concluo, pois, que os *soviets* não se contentam de suprimir a velha nobresa, querem suprimir as *élites* de qualquer especie, mesmo as *élites* intelectuais. Algum russo que tenha qualquer aspiração de talento, independente da politica, emigra, com certesa, para outro país, em que o talento, seja na sciencia, seja na arte, em que o estudo e as profissões intelectuais ainda mereçam algum privilegio.

A respeito dos camponeses russos nada diz a entrevista, suponho por isso que deve haver uma certa exactidão nos horrores que os jornais de todos os paises e *côres* nos têm contado.

Ora eu, que nasci e tenho vivido no campo a maior parte da minha vida, considero os camponeses o verdadeiro povo de qualquer país, o mais importante na qualidade e na quantidade, o mais util, o mais trabalhador, o mais probo, o mais resistente, o mais salutar.

Pertenço á classe dos intelectuais, talvez por um mau destino, e fiquei sabendo, para minha instrução, que os *soviets* não contam com essa classe a que pertenço, nem com a dos camponeses, que desde criança me merece tanta estima.

Quere dizer: os *soviets*, ao que parece, despresam o camponês, que, trabalhando a terra, nos alimenta o corpo, e os intelectuais, que, trabalhando as letras e artes, nos alimentam o espirito.

Maria de Carvalho

TAUROMAQUIA

A GRANDE CORRIDA DE DOMINGO no Campo Pequeno

O espada «Rafaelillo» é o bandarilheiro primoroso, o «muletero» estilisado, que em todos os «tercios», toureando cingido e adornando-se, tanto entusiasmou o publico de Lisboa, nas duas ultimas corridas.

João Branco Nuncio é dos novos cavaleiros o mais popular e o de toureio mais alegre, tendo vindo revolucionar com a sua arte e a sua bravura a nossa festa tradicional.

Ricardo Teixeira é o artista arrojado que, cheio de faculdades e de vontade de vencer, dominou já completamente o publico, que tanto o tem aplaudido. Ainda ha quatro dias, lidando um touro «en puntas», em Aldegalega, Ricardo teve uma ovação colossal que se vai repetir certamente em Melilla e em Malaga, onde vai tourear nos dias 12 e 15 do corrente.

São estes três artistas notaveis que constituem o «cartel» da grande corrida que no domingo se realisa no Campo Pequeno, e em que serão lidadas oito lindas estampas de Faustino Luz da Gama, oriundas de sementais de Palha Blanco.

Mais atractivos: Nuncio bandarilhará a cavalo o touro que para isso se prestar; e um valente grupo de forcados pegará todos os touros que puder.

Os touros são expostos na praça, no proximo sabado, das 16 horas e meia ás 19.

UMA "REPRISE,,

A peça "Os Mineiros,, de D. Joaquin Dicenta voltou ontem á scena no Apolo

depois de ter sido prohibida...

Quando aqui fizemos a critica do *Capital*, peça de apresentação da companhia que actualmente trabalha no Apolo, aconselhámos a empresa, caso prosseguisse na exploração do denominado teatro social, a pôr em scena, não antiquados melodramas, mas obras de Ibsen, Shinclehery, Drieux, Dicenta e outros.

A empresa do Apolo subordinou-se ao nosso ponto de vista critico. Felicitamo-la por isso.

Os *Mineiros*, cuja carreira foi ha anos interrompida, no S. Luís, pela autoridade, viu ontem novamente a luz da ribalta, sendo escutada com profunda atenção pela plateia.

Joaquim Dicenta, nos *Mineiros*, ataca a fundo o problema social, no seu aspecto mais decisivo de *avant guerre:* a luta pelo salario. Hoje as reivindicações dos que trabalham já não se podem reduzir a essa aspiração, absolutamente passageira e local, facil de resolver nos sindicatos e nas associações.

O operariado, sem despresar a luta economica, enunciada por Darwin, quando estudou a competencia das especies — pretende fixar, desenvolver, criar, alargar os seus mais altos potenciais de sonho e liberdade. Queremos dizer com isto que o embate social, sem abstrair a vitoria quotidiana da vida, galgou já as esferas do pensamento e da inteligencia. Melhor: sobe ás leis fisiologicas, á esfera de acção intelectiva. Dicenta, escrevendo para a sua época, cruzou nos *Mineiros* — as aspirações do momento, o sagrado poder da palavra, a metafora romantica, mesmo certos grosseirismos de linguagem que, de modo algum, podem ser levados á laia de realismo. Representada em 1924, a peça de Dicenta, aparece com uma carcassa empelada e avelhentada. O que se requeria, pois, nos *Mineiros*, para os aproximarmos da nossa sensibilidade e da extensa latitude do pensamento moderno, linha de parabola, cujos ramos se perdem no infinito? Uma representação realista, vivida, em que os actores se multiplicassem em atitudes, em flagrancias de mascara, em musica de palavras.

Que os personagens, naturalmente simbolicos, encarnando determinados aspectos da vida social, não fôssem apenas ideias, despejando argumentos. Que o artista, em vez de desenhar um papel, criasse uma vida. Tudo se pode harmonizar. A beleza romantica de certas peças, como o *Duelo* de Lavedan, ainda ha pouco interpretado admiravelmente por Alexandre, no Trindade, que nos fez esquecer monotonias de tirada—pode reviver se o actor (sempre propenso ao grito exaustivel ao constante paralelismo com o publico, como se entre os dois não existisse uma parede) der em fisiogonomonia, em provação, em nosologia facial a alma, o sentimento. Todas estas considerações nos levam a dizer muito sinceramente que a companhia do Apolo errou ontem, quando trabalhou romanticamente os *Mineiros*. Dentro dêsse criterio, mas errado por antigo, a interpretação foi interessante. Amelia Trajano deu a figura com uma certa dificuldade, mas teve paixão. Ofelia Brochado—traçou com maravilhosa verdade, não isenta de graça, uma operaria da mina. Maria Santos—esplendida de caracterização. Corona—um pouco hesitante. Jorge Grave—bem. Henrique de Albuquerque—desenhou um belo tipo. Rajanto—com altos e baixos. Mario Silva—perfeito.

A. P.

FOOT-BALL

Os campeonatos de Lisboa

Realizam-se hoje, pelas 21 horas, na sede da A. F. L., os sorteios para os campeonatos de Lisboa, em «foot-ball».

As competições deverão começar no proximo domingo, 12.

SCENAS DO BAIRRO ALTO

Uma briga de visinhas onde aparece UM HOMEM EM TRAJOS MENORES

a ameaçar com uma bomba de dinamite...

O sr. Alfredo Chagas de Melo Michalli e sua digna esposa a sr.ª D. Ana de Melo Michalli constituem natural e legalmente o tronco de uma familia numerosa que móra aqui perto, no n.º 39, r|c, da rua dos Mouros. O sr. Alfredo e a sr.ª D. Ana são já entrados em anos, e teem, como se compreende, numerosa prole. Uma senhora, sua filha, que é casada e veiu ha dias de Gouveia com o seu marido; outra que tambem julgamos conjugada pelo sacramento, um rapaz que deve estar rez-vez, por seu turno, da carga matrimonial, e... não sabemos que mais. Gente que trabalha; que raro chega á janela por causa dos papagaios da visinhança, naquele sitio, um tanto deslavados de vocabulario — e que vão ao animatografo de vez em quando, no louvavel intuito de se desenfadar.

— Os meus filhos — disse nos ind'agora a sr.ª D. Ana — não ha na visinhança ninguem que não os gabe.

E é verdade. Preguntámos cá fóra; e verificámos que certas meninas da rua até lhe chamam simpaticos e os tratam por tu, num abuso, quando adrega recolherem um tudo nada mais fóra d'horas.

Pois bem. A familia Michalli está metida, sem mais uem menos, num conflito tremendo.

Ontem, os velhotes foram ao animatografo...

—S'advertir...?

—E' verdade, senhor. Como vê, somos duas pessoas velhas. Como o outro que diz...

—Intrometeram-se ..

—Quando a gente voltava... Canta lá tu. Canta lá tu...

Tomaram todos a palavra ao mesmo tempo, numa ancia grande de verdade, e a reportagem fixou assim:

—Olha: lá vêm os velhos gaiteiros—Isto disse a visinha aqui de cima.—Ora, gaiteiros...—Não vê o senhor que...—Espera ; deixa-me conter a mim—Então fala lá tu —Dá vontade de rir, não dá?—E vae, digo-lhe eu assim: até admira, a D. Conceição estar a chamar velhos gaiteiros...—Sim, porque ela não é nova...

—Foi o rastilho...?

—Aqui não houve mais nada. Tão certo... Ora, hoje de manhã a mulher do tal sujeito...

—A conjuncção copulativa?

—Não sei bem o nome dela. Parece que foi dizer ao marido — que tomou as aparas pela visinha de cima, e é um tenente reformado que faz de guarda portão na Brasileira do Rossio — qualquer coisa para o assoprar...

— Romperam-se as hostilidades...

— Nem me quero lembrar, que me dá ganas de chorar! Calcule o senhor que o homem veiu ali á varanda do saguão, em ceroulas e tudo, e pôs-se a ameaçar de matar a gente á bomba.

— Credo! Que facinora! Que idade tem ele?

— Deve andar nos sessenta.

— Se calhar é joven sindicalista...

— Pois, como lhe digo: até fez o gesto de atirar a bomba.

— O gesto é tudo...

— Calcule! Calcule o senhor! Eu até... não sei... mas bem pode ter sido ele quem meteu a bomba, aqui ha dias, na retrete da Brasileira.

* * *

— Não ha qualquer questão antiga?

— A mulher é que o assopra. Ela já se tem batido de lingua com outras visinhas. Se o senhor visse como ele vinha...

— Vinha como um urso... salvo seja...

—Puxou por ela, todo enraivecido, a dizer: «Já p'ra dentro! Já p'ra dentro!» e, como a gente está por baixo...

—Armou em galo de capoeira...

—Até queria saltar da varanda! Então não é um homem perigoso? Ameaçar assim os membros todos duma familia? O do 1.º andar jurou que havia de fazer uma morte... este agora diz que atira co'a bomba... Então, hein?! Não querem lá vêr?!

—Uma coisa assim... Ninguem dirá que não ha aí rixa vinda de traz...

—Não ha nada. Só se foi por causa de nós termos sido testemunhas da senhoria. Mas isso era uma questão de fealdade e de justiça. E era com o de cima; não tinha nada com ele...

* * *

—E, afinal, talvez que tudo isso não passe, na verdade, de bravata... Tem factos que justifiquem?...

—Sim senhor! Aí na escada estão sempre a aparecer embrulhos suspeitos.

—Isso é que é mais serio.

—Ainda ha dias apareceu um. As visinhas começaram todas com medo. E' bomba... Não é bomba... Chega lá tu... Vá lá você...

—Ninguem se atreveu?

—Atrevi-me eu. Era um lençol embrulhado em papel de jornal...

* * *

Preguntamos nós:

—Haverá, realmente, o direito de um individuo, lá porque a mulher o assoprou, ameaçar assim, de morte, uma familia inteira que vive honradamente do seu trabalho, com a agravante, ainda, de se apresentar deante de senhoras, a discutir seja o que fôr, em ceroulas, embora seja no saguão?

A policia dirá.

POLICIA PARTICULAR
DETECTIVES
EX-AGENTES DA POLICIA DE INVESTIGAÇÃO
ESCRIPTORIO (PROVISORIO)
RUA GARRETT, 48-5.º E.

A Cidade

Restaurant LA MÁR
com CAFÉ E BILHARES
Abre no Domingo
Aven. Ivens, 26, 27-Dafundo

COISAS DA NOSSA TERRA

A odisseia

da viagem dos aviadores

A VILA NOVA DE MILFONTES

ou a ignorancia do mapa de Portugal . . .

A recepção, a hospitalidade carinhosa, com que foram festejados os aviadores na pequenina praia alemtejana, com o concurso das gentes de todas as vilas e aldeias proximas—jé está assinalada. Não é demais insistir na sinceridade das manifestações populares. Na sua tocante simplicidade, á velha maneira portuguesa.

Milfontes e uma praia isolada do mundo. Fica a trinta quilometros de Odemira, sem entrada, e servida apenas pelo rio, que nem sempre tem maré. Fica a cincoenta e oito quilometros do caminho de ferro. Por mar, fica a três más horas de Sines.

Compreende-se assim que tudo ali seja feito, dito, oferecido, sentido á maneira antiga: discursos, jantares, alojamentos, cerimonias, touradas, procissões, rezas, bailes—e no meio de tudo isto, barulho, foguetes, lagrimas nos olhos, flôres nas mezas, vinho a rôdo. Desordem—nem uma! Tambem nem um cabo de policia...

Uma passagem de todos os portugueses ilustres, ou como tal supostos, por Milfontes, ou por qualquer aldeia assim alentejana, e eles aí estariam sinceros, liais, bons, portugueses como nunca se devia deixar de ser.

* * *

As notas destes quatro dias de festejos estão sintetizadas acima na graça do povo e na expontaneidade da sua maneira de louvar. Outras notas—perdem-se para o interesse publico. São intimas das aldeias risonhas, das almas candidas; são só do proprio momento. Acabaram. A cidade não as entendia. Omito-as, com medo de, entregando-as ao trivial—lhes tirar o encanto.

* * *

Agora a odisseia da viagem! Porque se Milfontes é linda, para lá chegar, são trabalhos. Dividimos este *raid* por etapas. E assim se fará uma impressão.

Primeira etapa: Lisboa-Barreiro, sem incidente.

Segunda: Barreiro-Odemira. Os três aviadores, e madame Beires, acompanhados do comandante Cifka, do comandante de marinha Cerqueira, de sete oficiais aviadores, com o Bispo de Beja, um oficial brasileiro, alguns representantes de jornais, e trinta estudantes—que teimaram em ir á aventura—encheram uma grande carruagem, que, a certa altura, ia completamente ás escuras. Nas estações acendiam as lamparinas de azeite, mas a escuridão voltava. A's 6 da manhã este cortejo chegou á estação de Odemira. Dez horas de viagem. A estação imersa tambem em escuridão. Aos tombos toda esta gente atravessou a gare primitiva, com malas e alguns caixotes, até á estrada. A vila fica a trinta quilometros. Na estrada, apenas um *coupé* que foi utilizado por madame Beires, pelo Bispo D. José, e seu secretario. A carripana do correio. 40 pessoas interrogavam a noite. Esperava-se um *camion*. Mas o *camion* empanára—dizia-se.

Estação á vila: O *camion* sempre chegou. Nele se alojaram quasi todas as pessoas. Outras seguiram no carro do correio, de molas antigas e três antiquissimas mulas. Seis leguas aos tombos, sob uma chuvinha meuda, o *camion* descoberto, entraram os aviadores na vila ás 8 da manhã. Moidos, como salada.

Odemira a Milfontes: vinte oito quilometros pelo rio, num buque a gazolina, com deficientissimas acomodações, em todo o caso «estimavel». Dia lindo. Três horas de trajecto, entre as duas margens, ora monotonas ora alegressimas. Calor de rachar.

Enfim—Milfontes, Eden no meio do deserto desta «charneca», tão rica e cheia de belezas panoramicas, e que parece que não está no mapa do ministerio do Comercio e Comunicações. Eram 5 horas da tarde. Por consequencia 20 horas e meia de viagem desde Lisboa. Para não se repetir esta serie de étapas violentas, resolveram aproveitar-se do oferecimento que foi feito de um buque, que iria de Milfontes a Sines, 37 quilometros, e de Sines a Setubal, 66—pelo Oceano!...

Milfontes-Sines: embarque de noite. O buque, de pesca, não tem a bordo mais que uma cadeira, que é utilizada por madame Beires, e além da cadeira, vinte canastras de lulas pôdres, um cheiro de fugir, mesmo de morrer. Os emigrantes, ás escuras, sem saber o que pizam e onde se encostam, tomam logar um sobre os outros. O barquinho, cedido aliás com bizarria e com o maior dos desejos de que viesse a ser confundido com um transatlantico, sãi a barra, ás 6 da madrugada. Foguetões em terra. Luzes de despedida. O mar tomou má carranca. Levanta-se vento. Tripulação, aviadores, estudantes, homens dos jornais—confundem-se. A' prôa gente de Sines, que ao enjôo, já não canta. Vomita. E vomita quasi tudo.

Madame Beires, sofre horrorosamente. Causa dôr vêla sofrer! Cifka Duarte, embrulhado na pele de aviador, é um homem vencido. «Antes o ar, e todas as suas contigencias!» Gouveia, jura embarcar pela ultima vez. Vomitam os estudantes, na confusão. Três do Colegio Militar, fazem pena, pequenos ainda. Alguns aviadores não dão palavra, só com mêdo de abrir a bôca. Toda a gente sofre. «Não contavamos com este vento norte»—desculpam-se os de bordo. Alfim, Sines, depois de 3 horas horrorosas. O cheiro do peixe pôdre é peor do que um suplicio da Inquisição.

Depois—duas caravanas. O auxilio do buque é dispensado pelos aviadores, principalmente por causa de Madame Beires. (Uma nota: seu marido, foi das poucas ou unica pessoa, que levou tudo aquilo a sorrir. Sarmento Beires dava a impressão de estar sentado num *fauteuil* de teatro. Se sofreu, foi por sua esposa). A estação mais perto de Sines é Grandola—a cincoenta e um quilometros! Mais *camion*, de manhãsinha, para apanhar na estação o comboio do Vale do Sado. Omito, por desnecessaria, a série de incomodos, até Alcacer, de Alcacer a pé, para o trasbordo e depois até ao Barreiro.

A outra caravana, estudantes, elementos da aviação, e alguns representantes dos jornais, mais corajosos, sairam de Sines pelo mesmo buque (!) ás 2 da tarde, para apanharem em Setubal o comboio para Lisboa.

Sete horas de sofrimento igual ao primeiro, com mais uma *pane* do motor, chuva, mar pela prôa, dificuldade em vencer, contra a corrente, a barra do Sado. E depois—o comboio já tinha partido.

Quanto aos aviadores, á hora em que o leitor lêr esta noticia, já devem ter chegado a Lisboa.

Se é que não ficaram encravados por qualquer parte dessa linha dolorosa do Sul e Sueste.

UMA OPINIÃO

O paiz

que se governe como quizer e entender que o actual governo armou-se em centurião da estabilidade...

Hoje, na Arcada, na Arcada que já começa a dar os primeiros sinais da politica de inverno, encontrámos, baixinho, moreno, bigode á americana e chapeu de palha, um membro do Diretorio do P. R. P. (os leitores sabem muito bem que o Diretorio do P. R. P. tem andado ás turras com o governo, não é verdade?)

Pois muito bem: encontrámos esta tarde, na Arcada, um membro do Diretorio que, em conversa espirituosa e facil, se não cançou de dar á lingua. A certa altura preguntámos:

—Podemos pôr isso tudo no jornal?

—Com uma condição: não pôr o meu nome.

—Sim, senhor. Limitar-nos-hemos a dar a entender...

—Estabelecido o acordo, o membro do Diretorio disse-nos adeus, e nós escreve mos o seguinte e verdadeiro dialogo:

—Então, a politica?

—Só lhe posso dizer que isto marcha. Tem que marchar...

—Para onde?

—Para a frente!

—«Ça depend»...

—Olhe, a convocação do Congresso é mais que certa.

—E convocado o Congresso?

—Governo em terra. A propria convocação é já um sinal de morte.

—Sucessor?

—Não sei...

—Alvaro de Castro?

—Não acredito.

—Antonio Maria da Silva?

—Não acredito.

—José Domingues dos Santos?

—Não sei...

Este «não sei», dito com um sorrisosinho bregeiro, foi muito significativo. A este membro do Diretorio, possivelmente a todo o Diretorio, não deixa de ser favoravel um governo esquerdista, que faça «algo», presidido pelo chefe dos elementos avançados adentro das fileiras do P. R. P.

—Por conseguinte, o governo...

—O governo... Coitado do governo! Os seus membros armaram todos em centuriões da estabilidade, e mais nada! Ao menos...

—Ao menos...

—O Antonio Maria tem espirito. Não faz nada, mas tem espirito. Coça a pera, diz três palavras, fica tudo na mesma, mas vence o adversario. Este, não. (Este é o presidente do actual governo). E' tambem um bom «blagueur»—tem a sua graça—mas não chega aos calcanhares do outro. Ora, espirito por espirito, sem que o espirito se faça acompanhar de mais alguma coisa, antes o primeiro. Só o gesto de coçar a pera, na altura propria, vale pelo menos, dois anos de poder!

Variando de assunto:

—Que pensa do movimento das forças vivas?

—Têm e não têm razão. As forças vivas dizem que não podem pagar mais. E' mentira. Ainda não pagam o suficiente. Deviam pagar muito mais ainda. No que eles têm razão é na maneira como os impostos estão repartidos. Aqui sim. Realmente isso dá logar a injustiças que é necessario reprimir.

—Que fará o governo?

—Nada. Continua a pensar na sua estabilidade, até á hora do juizo final que está proximo.

O 5 de Outubro

A comissão organizadora das festas de 5 Outubro convida os militares de terra e mar, promovidos por distinção em 1910, e bem assim os comandantes dos navios que tomaram parte na revolução, a encorporarem-se na romaria de saudosa homenagem aos mortos da Republica, ao cemiterio oriental, que se realiza em 3 do corrente, pelas 13 horas, saindo do Terreiro do Paço. Igual pedido, faz a todas as entidades e corporações que têm mandado a sua adesão.

Consta que o ministro do comercio concederá 50 por cento de desconto nas passagens dos caminhos de ferro do Estado nos dias 4 e 5 do corrente.

Pelos teatros

Tomás Vieira

Estreia-se hoje, no Salão Foz, o actor Tomás Vieira, sobre o qual, ainda ha dias, o «Diario de Lisboa» publicou algumas palavras justas e merecidas ás suas qualidades de artista. Tomás Vieira repetirá ali o seu curioso e notavel repertorio de cançonetas comicas, em que é inemitavel; mas como lhe conhecemos de sobejo a sua arte e a sua maneira de representar, esperamos vê-lo, dentro em pouco, integrado numa companhia de declamação, onde melhor, dada a falta sensivel de elementos de valor, possa dar-nos todo o brilho do seu talento e o muito que ha a esperar ainda dos seus meritos reaes.

TOMÁS VIEIRA

Atrás do reposteiro

No rapido de Madrid seguiram hoje para aquela cidade, onde vão ser hospedes do nosso ministro naquela côrte, sr. Melo Barreto, os artistas empresarios Amelia Rei Colaço e Robles Monteiro, que ali vão tratar directamente de assuntos que se prendem com a ida da sua companhia áquela cidade, num futuro proximo. Seguidamente partirão para Paris, em viagem de estudo, vindo no regresso inaugurar a sua epoca no teatro Politeama. A' «gare» do Rocio foram despedir-se daqueles artistas todos os actores da sua companhia, amigos pessoais, homens de teatro, etc.

—A proposito da estada recente em Santarem da companhia dramatica dirigida pelos actores Rafael Marques e Joaquim Costa, que ali deu quatro espectaculos, o nosso correspondente naquela cidade, lamentando que, por se encontrar toda a melhor gente ainda no campo e nas praias, os referidos espectaculos tivessem tido fraca concorrencia, lembra aos seus conterraneos que sendo Rafael Marques natural de Santarem e honrando, como poucos, a terra que lhe foi berço, Santarem, na primeira oportunidade, realize em homenagem a este artista, uma festa em que colaborem todos os seus patricios e admiradores.

—Em substituição do seu colega Ribeiro Lopes, societario do teatro Nacional, estreia-se hoje no Politeama, na farça «O homem do Papagaio», o actor Samwel Diniz.

—O Maria Victoria festeja hoje a 200.ª representação da revista «Res-Ves», estreiando varios numeros novos, entre eles, «A cega-rega das Bombas», por Honorina Cruz, Jorge Roldão, Artur Rodrigues, Casimiro Rodrigues e José dos Santos, «A questão do selo» e «As fantasias politicas».

—A companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho termina amanhã os seus espectaculos em Matozinhos. No dia 3 estreia-se em Vila do Conde, onde se prepara uma festa de homenagem a Maria Matos, a quem vai ser oferecida uma lapide, que ficará colocada no teatro. Nos dias 4, 5 e 6, esta companhia trabalha no teatro de Vila Nova de Cerveira, que inaugurou ha dois anos; em 7, em Valença; em 8 em Aveiro; em 9 e 10, em Santo Tirso e em 16, 17, 18 e 19 em Braga, no Teatro-Circo.

—Para a exploração, durante o inverno, do teatro Maria Vitoria, vai começar a ensaiar-se a opereta «As Onze Mil Virgens», adaptação de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.

—A companhia Satanela-Amarante inaugura os seus espectaculos no Avenida, no proximo dia 16, fazendo «reprise» de uma peça das mais categorizadas do seu repertorio.

—O teatro Apolo, na epoca de inverno, terá como gerente-artistico o sr. Macedo e Brito, que está remodelando o elenco da actual companhia que ali está funcionando.

—O «Belo Rei», magica de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, só sobe á scena no Eden-Teatro, na proxima sexta feira.

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para **uso externo** provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias de pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata 237 No Porto, rua Passos Manuel 65.

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.ª
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.º 1244
LISBOA

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de mil, cento citenta e sete escudos, trinta e três centavos (1.187$33) relativa á liquidação das contas deixadas pelo serralheiro eventual João Paulo dos Reis, falecido em 27 de Maio do corrente ano e a cuja quantia se habilitou Francisco dos Reis, pae do agente falecido, como seu legitimo herdeiro.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 25 de Setembro de 1924.

O secretario da Direcção, *Jayme Rocha.*

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de quatorze escudos e sessenta e quatro centavos (14$64), relativa á liquidação das contas deixadas pelo boletineiro Augusto Guerreiro, falecido em 24 de Abril do corrente ano e a cuja quantia se habilitaram Antonio Guerreiro e Maria Vitoria, pais do falecido agente, como seus unicos herdeiros.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 25 de Setembro de 1924.

O secretario da Direcção, *Jayme Rocha.*

Antonio da Costa Leites

Maria Augusta da Costa Leites e Albano da Costa Leites, participam a todas as pessoas das suas relações o falecimento do seu muito chorado esposo e pai e que o seu funeral se realiza ámanhã, 2, pelas 15.30 horas, saindo da Calçada de S. Vicente, 46, loja, para o cemiterio do Alto de S. João.

Teatro MARIA VITORIA
Duas sessões — Ás 8,45 e 10,45 da noite
GRANDIOSO FESTIVAL comemorando a 200.ª representação da celebre e popular revista
RÉS-VÉS
com todos os atractivos e o quadro de grande exito «A RAPIOCA»

— MAIS UM SUCESSO COMICO —
HOJE no
Cinema Condes
com o impagavel HARRY SWEET
na comedia burlesca
FÓRA DO SEU POSTO
2 actos esplendidos

RICAS MOBILIAS
Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada
ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO
DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

PINTO & SOTTO MAYOR
BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
RUA DO OURO, 18, 24	PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

SERVIÇO DOS ARMAZENS GERAIS

Concurso para a adjudicação da compra de alvaiade de zinco em massa
ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 9 do proximo mês de Outubro pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 6.000 quilos de alvaiade de zinco em massa.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 950$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1$50 devidamente inutilizado.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para prefazer 5 % da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um deposito definitivo, que ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço dos Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 19 de Setembro de 1924.

Pelo Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais
(a) Feio Terenas

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de cento vinte e nove escudos e quinze centavos (129$15), relativa á liquidação das contas deixadas pelo assentador auxiliar Antonio Alves, falecido em 15 de Agosto do ano de 1923 e a cuja quantia se habilitou Maria de Jesus, irmã do agente supracitado, como sua unica herdeira.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 26 de Setembro de 1924.

O secretario da Direcção, *Jayme Rocha.*

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO 140

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste—Serviço dos Armazens Gerais—Concurso para a adjudicação da compra de pedra de alvenaria e britada

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 3 do proximo mês de Outubro, pelas 13 horas, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro e Sul e Sueste e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, ao Caldas, Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da compra de 400,m3 de pedra de alvenaria e 200,m3 de pedra britada para beton.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso, o deposito provisorio de 150$00.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 1$50 devidamente inutilizado.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para prefazer 5 o/o da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contrato, um deposito definitivo, que ficará á ordem da Direcção do Sul e Sueste, por intermedio da qual será posteriormente transferido para a Caixa Geral dos Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realisado o deposito provisorio.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no Serviço dos Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 12 de setembro de 1924.

O Engenheiro Chefe do Serviço de Armazens Gerais
(a) *Feio Terenas.*

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de trinta e quatro escudos, oitenta e nove centavos (34$89) relativa á liquidação das contas deixadas pelo marinheiro de 2.ª classe Francisco Tavares Barbosa, falecido em 19 de fevereiro do corrente ano e a cuja quantia se habilitou Maria da Esperança Barbosa, viuva do supracitado agente, como sua unica herdeira.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 25 de setembro de 1924.

O secretario da Direcção, *Jaime Rocha.*

Pensão e Quartos

Recebem se comensais e dão-se almoços e jantares para fóra. R. Ferreira Lapa, M. C. J. r/c.

RUA DO AMPARO
A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA
TELEF. C. 3541

T. S. F.
APARELHOS E ACESSORIOS
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Trespassa-se

No centro da Baixa, estabelecimento luxuosamente montado para qualquer ramo de negocio. Facilita-se o pagamento sendo preciso. Tratar com o proprio. R. dos Correeiros, 22 2.º.

EQUIPO FENO (Feno Outfit)

Para matar instantaneamente **Mosquitos, Moscas, Percevejos, Formigas, Pulgas, Piolhos, Baratas, Escaravelhos, Aranhas, Gorgulhos, Traças** e quaisquer outros insectos. O liquido «**FENO**» não mancha, pelo que pode ser aplicado nas roupas de cama, vestuario, peles, sedas, etc. Temos insecticidas especiais para agricultores, criadores de gado, moinhos, fabricas de moagem e hospitais, da afamada marca americana «**ENOZ**».

PEDIR PROSPECTOS E ESCLARECIMENTOS AOS DEPOSITARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS

J. Dominguez & Gonzalez
Rua da Madalena, 138-144
Telefone C. 1587
LISBOA

GARAGE CONDE BARÃO

Recolha de 180 automoveis

Venda e compra de automoveis
Oleos, gasolina, acessorios
Material electrico
Instalações electricas
Stock de lampadas «Philips»

Tele{fone: C. 5435
{grafo: *Garage Conde Barão*

Dias, Fonseca & Sotto-Maior, L.da
Largo do Conde Barão, 50—LISBOA

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Editos de 30 dias

Pela Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos da Carta de Lei de 24 de Agosto de 1848 e Decreto de 5 de Dezembro de 1910, a contar da ultima publicação deste anuncio no «Diario do Governo», citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de tresentos oitenta e sete escudos e cincoenta centavos (387$50) relativa á liquidação das contas deixadas pelo assentador eventual Abilio Sequeira, falecido em 3 de Junho do corrente ano e a cuja quantia se habilitou Carolina da Conceição, viuva do agente referido, como sua unica herdeira.

Lisboa e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, aos 25 de setembro de 1924.

O secretario da Direcção, *Jaime Rocha.*

DR. ARMANDO NARCISO
Medico do Hospital de Santa Marta
RETOMOU A CLINICA
Consultorio:
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)
Residencia:
Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

ESTRANGEIRO

Atelier de gravura em todos os generos
CHAPAS ESMALTADAS PARA PORTAS—CARIMBOS DE BORRACHA, MONOGRAMAS PARA CARTEIRAS
NEVES & OLIVEIRA
R. de S. Nicolau, 53 LISBOA

LONDRES

O chefe do governo leu no Parlamento o projecto em que se trata das fronteiras

Ulster-Estado Livre da Irlanda

LONDRES, 1

Reuniu-se o Parlamento inglez para tratar da questão da delimitação das fronteiras entre o Estado Livre da Irlanda e o Ulster e para aprovar o projecto de lei que permite resolver esse assunto.

A segunda leitura daquele projecto foi feita pelo chefe do governo, que começou por declarar que não estava ali como chefe de partido, mas apenas no cumprimento do dever que tinham todos os governos de cumprir obrigações tomadas e publicamente declaradas e que o Parlamento tinha sancionado.

O tratado anglo-irlandez era defeituoso. Não se podiam ajustar as fronteiras entre o Estado Livre da Irlanda e o Ulster e, portanto, todo o acordo estava em perigo.

O governo entende que os politicos que negociaram o tratado desejam que ele entre em acção e, por isso, apresenta o projecto de lei que permite resolver as dificuldades pendentes. Desejava tambem acentuar que tinha a maxima consideração pelos direitos do Ulster. Nem o ministro das Colonias nem ele proprio deixariam perder qualquer oportunidade para resolver cabalmente o assunto.

Macdonald

pede um estudo aturado ao projecto

O governo da Irlanda do Norte decerto ajudaria a Inglaterra a sair da posição embaraçosa em que se encontra, mas se fôr necessario que o governo britanico tenha que exercer os poderes que lhe são concedidos pelo projecto de lei para nomear um representante para a comissão de delimitação de fronteiras, fa-lo-ha imparcialmente, esforçando-se porque os interesses do Ulster sejam defendidos por pessoa da sua escolha.

Macdonald acrescentou que estava convencido de que a Camara desejaria que o membro nomeado para aquela comissão representasse os direitos do Ulster, como se tivesse sido nomeado pelo governo da Irlanda do Norte.

O primeiro ministro solicitou de todos os partidos que não examinassem o assunto como se ele fosse um assunto partidario, mas sim como um assunto de interesse geral. Balivin, «leader» dos conservadores, declarou que todos concordavam em que o tratado Anglo-Irlandez se devia manter na sua letra e no seu espirito.

Asquith

apoia o prejecto, com restrições...

Se a comissão de delimitação de fronteiras pretendia apenas tratar da ratificação das fronteiras, não se oporia ao projecto de lei, mas apresentaria em nome do seu partido emendas para que assim ficasse bem determinado. O sr. Asquith, «leader» dos liberais, disse que ele e os seus amigos politicos estavam dispostos a apoiar absolutamente o projecto de lei que tinha sido apresentado, lamentando, comtudo, que tivesse sido necessario apresentar um projecto de lei numa questão que teria sido muito melhor resolvida na Irlanda entre irlandezes. O sr. Reid, deputado pelo Ulster, apoiado pelo sr. Ronald Macneill, egualmente deputado do Ulster, propôs a rejeição do projecto.—(R.)

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º.

UMA NOVELA POLICIAL

O misterio do castelo de La Vicomté foi descoberto pela policia que prendeu os seus protagonistas

Em Saint Malo, no castelo de La Vicomté, foi preso ultimamente pela policia franceesa um gatuno elegante que se intitulava marquez de Champaubert, autor de varios roubos audaciosos, «operando» sempre com uma «limpeza» modelar.

Ha dias, na companhia da falsa marqueza de Champaubert, alugára por 14.000 francos o castelo, com a condição de o habitar até ao dia de Natal, preparando-se para «enrolar» num golpe audacioso alguns joalheiros de Paris.

Descobertas pela policia as intenções do suposto marquez de Champaubert, foi este imediatamente preso, pondo-se em fuga a sua cumplice, que usa para efeitos de «cambriolage» o nome de Giselle de Gisors.

Pela boca morre o peixe

Proximo de Elbeuf, numa pequena aldeia, habitou durante algum tempo um homem que usava o nome de André Simonin e que se dedicava ao mister de avicultor. A sua especialidade eram os pombos, embora fosse muito mais habil na arte delicadissima de depenar patos. Vivia na companhia de uma senhora conhecida pelo nome de Blanche Calmel. E ninguem teria suspeitado deste misterioso criador de aves e da sua companheira, se a tentativa de burla contra os joalheiros de Paris não viesse chamar a atenção das autoridades para o falso «industrial» dos arredores de Elbeuf, que é precisamente o suposto marquez de Champaubert.

Posta em campo a policia, já depois da prisão do «marquez», a «senhora marqueza» era presa a breve trecho e confessava ingenuamente, por meio de um habil «truc» policial, a sua cumplicidade nos negocios suspeitos de André Simonin.

Blanche Calmel, uma linda morena de 28 anos, recebe confiadamente o comissario de policia, sem saber do que se trata.

—E esse caso da marqueza?— pregunta de chofre o comissario.

A pequena baixa os olhos, profundamente perturbada e não responde.

O magistrado insiste:

—Fez boa viagem desde que saiu de Dinard? (Desde o dia em que fugira do Castelo de La Vicomté).

—Felizmente, fiz boa viagem.

—Não se chamou primeiro Blanche Calmel? Não usou depois o nome de Madame Gouraud?

—Sim, senhor.

—Então, acompanhe-me ao comissariado de policia.

E assim obteve o inteligente magistrado a confissão do crime. Era a falsa marqueza de Champaubert.

Um verdadeiro tesouro

Nos seus aposentos, depois de uma busca rigorosa, foi encontrada uma pequena mala que continha um verdadeiro tesouro: um riquissimo serviço de prata que tinha sido retirado clandestinamente do castelo de La Vicomté.

Interrogada pela policia, Blanche Calmel confessou que o seu verdadeiro nome era Maria Luiza Noirat e que, para fins inconfessaveis, mudava de nome sempre que era obrigada a transferir o seu domicilio. Ha sete anos que «opera» com o falso marquez de Champaubert, cujo verdadeiro nome é Clement Passal. Conheceu-o em Paris no ano da paz, intitulando-se ele nessa altura engenheiro de «material circulante».

No ano seguinte, partiram para a Tunisia, onde «trabalharam» livremente, fóra do alcance da policia franceesa. Clement era casado, mas não vivia com sua mulher. Aberta a exposição de Marselha, os dois partiram para aquela cidade, onde Clement alugou um pavilhão para a venda de perfumarias.

Judeu errante

Entretanto, entregava-se a outros «negocios» que lhe davam um lucro muito mais compensador. Encerrada a exposição, partiram para Nantes, onde mais uma vez mudaram de nome. Era o casal Gouraud. Clement voltou a dedicar-se ao negocio do «material circulante». Vendeu a credito automoveis que não possuia, realizando lucros fabulosos.

Como o judeu errante, este principe do roubo ia percorrendo o mundo inteiro, fugindo sempre á acção da policia, uma vez descobertas as suas fantasticas operações comerciais. De Nantes partiu para o Havre e do Havre para Elbeuf, onde alugou uma pequena quinta nos arredores da cidade. Chamava-se agora André Simonin, dedicando-se á criação de aves.

Na primeira quinzena de Agosto, manifestou á sua amiga o proposito em que estava de passar um mês em Saint-Malo. Alugou para os dois uma casa de campo, enviando para diversos destinos produtos farmaceuticos que lhe deviam produzir um grande rendimento. A breve trecho, o casal transferia-se para um luxuoso hotel de Dinard, onde se inscreveram com o pomposo nome de marquezes de Champaubert.

Foi ali que ele planeou o grande «negocio», em que deviam ser burlados alguns dos mais importantes joalheiros de Paris. Para esse efeito, alugou o castelo de La Vicomté, residencia senhorial que ia bem com o seu titulo e a linha aristocratica do seu porte.

Um golpe audacioso

Nesta altura, intervem a verdadeira mulher de Clement, que fazia no castelo as vezes de criada de quarto, enquanto Maria Luiza se desempenhava ás mil maravilhas do seu dificil papel de marqueza. Era um «ménage» original «à trois», consentido por todos os personagens deste curioso enredo de novela policial de que os gatunos franceses têm o segredo.

Clement Passal preparava-se para atrair alguns dos mais importantes joalheiros de Paris ao seu castelo de La Vicomté, onde levariam a titulo de amostra algumas das joias mais caras do seu precioso mostruario.

No castelo, organizou habilmente um verdadeiro «guet-apens», que lhe devia render alguns milhões de francos. Os joalheiros, atraidos pelo amavel convite do marquez de Champaubert, seriam anestisiados em salas proprias, tendo-se tomado todas as precauções para evitar a efusão de sangue. Logo que eles tivessem cerrado as palpebras, o «escroc» bateria as azas na companhia das suas cumplices e das joias extorquidas por este audacioso processo.

Felizmente, a policia evitou a tempo que este plano rocambolesco fosse posto em pratica.

MOSSUL

Segundo declaração feita nos Comuns a guerra entre a Inglaterra e a Turquia não existe nem tem que existir

LONDRES, 1.

Thomas, ministro das Colonias, replicando a perguntas que lhe foram feitas na Camara dos Comuns, ácerca da situação de Mossul, disse que era necessario começar por declarar que não havia estado de guerra entre a Inglaterra e a Turquia. Apenas tinha havido certos movimentos militares na fronteira do Irak, que o governo considerava como perturbação do «Statu Quo» a que os dois governos se tinham obrigado por tratado durante a discussão das questões da fronteira. As autoridades inglesas do Irak, que tiveram conhecimento desses movimentos militares, avisaram no dia 12 de Setembro as autoridades turcas de que isso era contrario ao tratado. Apesar disso, forças regulares e irregulares turcas, no dia 14 de Setembro, começaram a atravessar a fronteira. Tomaram-se precauções contra essa evasão, tendo havido recontros entre as forças inglesas e as forças turcas, tendo as forças turcas sido repelidas com perdas, tendo os ingleses tido três baixas. Houve novos recontros com pequenos lucros, mas até agora os turcos não fizeram qualquer movimento ofensivo.

A fuga

de seis mil cristãos da Assiria

Os cristãos da Assiria em numero de seis mil refugiaram-se no Villayet de Mossul. Protestou-se energicamente junto do governo turco contra aquelas violações de fronteira e as autoridades inglesas no Irak foram autorizadas a tomar todas as medidas necessarias para evitar a incursão das forças turcas. Estes movimentos foram muito deploraveis especialmente devido a que a questão das fronteiras estava ainda em discussão na Sociedade das Nações.

O governo tinha informado o conselho da liga de que considerava estes acontecimentos como prejudiciais para as relações internacionais e ameaçando o bom entendimento entre as nações. O governo tinha tambem solicitado ao governo turco que desse ordens imediatas ás autoridades locais para que fossem imediatamente retiradas as tropas turcas que se encontravam na fronteira. Este pedido tinha sido telegrafado para Constantinopla, mas ainda não tinha recebido resposta. As autoridades militares inglesas comunicaram que dominam completamente a situação.

A S. das N.

Vai intervir na questão

GENEBRA, 1

Depois da vivos debates, a Sociedade das Nações aceitou a formula japonesa da arbitragem. Segundo ela, é possivel recorrer ao Conselho de Sociedade das Nações no caso de o tribunal arbitral declarar assunto de ordem interna a imigração e os direitos das minorias.

A Sociedade das Nações vai enviar a Mossul três peritos para investigar da acusação da Inglaterra contra as incursões dos turcos. —(L.)

CINEMA CASINO DE PAREDE
O melhor e mais bem situado casino da linha de Cascais
(Epoca de 1924) Todas as noites baile
Quintas e domingos soirées cinematograficas
HOJE 27-9-924 — O film dramatico em 6 partes por Mae Murray DELITO DE UMA MÃE
Esmerado serviço de restaurant e bufete

CAMBIO OFICIAL	COMPRA	VENDA
s/ Londres, cheque	127$00	127$50
s/ Paris	1$51	—
s/ Madrid	—	3$80
s/ New-York	28$40	28$60
s/ Amsterdam	—	11$10
s/ Suiça	—	5$49

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL	COMPRA	VENDA
s/ Bruxelas	—	1$38
s/ Italia	—	1$25
s/ Praga	—	0$86
s/ Brazil	—	3$00
Libra esterlina	140$00	150$00
Agio do ouro	—	—

UM DECRETO

Vai ser

criada em breve

uma escola de pesca

para desenvolver

O FOMENTO MARITIMO

O comandante Pereira da Silva, ilustre ministro da Marinha, que se tem desempenhado do seu alto cargo de uma maneira brilhante, declarou hoje ao *Diario de Lisboa* que publicará brevemente um decreto creando uma nova escola de pesca.

—As escolas de pesca cuja creação constitue uma preocupação já remota dos dois ministerios, têm por fim preparar entidades competentes para o comando e direcção dos navios de pesca, como tambem para pescadores e para todos aqueles a quem a industria de pesca interessa.

—São apenas essas as razões justificativas da nova escola?

—Não! Ha mais: Permitir tambem um maior rendimento dessa industria, com a escolha de logares mais apropriados e de aparelhos adequados.

—Com o fim de...

—Evitar processos nocivos na industria da pesca, muitas vezes empregados por absoluto desconhecimento das suas consequencias.

—São estas as formas de obter maior rendimento?

—Além das que lhe enumerei, sera feita a fuzão das funções de capitão com as de mestre de pesca que, actualmente, se encontram separados, o que prejudica o rendimento economico das emprezas que mantêm navios nessas industrias.

—Ha quem pense, em relação ao que se passa em outras nações, que os assuntos de fomento maritimo não devem pertencer ao ministerio da Marinha...

—Em resposta a esse conceito, dir lhe-hei que se isso sucede nas outras nações maritimas é porque o desenvolvimento das suas armadas é tal que absorve as atenções dos ministros da Marinha e não porque seja conveniente uma intima relação entre os recursos maritimos dum país e a sua potencia naval.

—No entanto...

—E' o somatorio de todos os factores de ordem militar, economica e industrial que constituem o poder maritimo duma nação.

UMA RAPARIGA

que se atira da janela á rua

No banco do hospital de S. José, faleceu esta manhã, pouco depois de ali ter dado entrada, Carolina Conceição Lopes, de 26 anos, moradora na rua da Penha de França, 154, que se precipitou da janela á rua.

RECORD DO MUNDO

50 grs. aos 100 kms.

A TARDE POLITICA

Reabre

a 2 de novembro

o Parlamento

segundo as nossas informações

A Arcada vai como o tempo, mais para dormir do que para fazer politica. Quasi não ha moita de onde saia coelho que valha um tiro de reportagem. Os do sul fugiram para o norte e por lá andam ainda no «dulce far niente» das boas sestas, e os do norte estão agora a contas com as vindimas e de politica não tratam que o sumo da uva é liquido que se não póde desperdiçar mesmo com a guerra que lhe fazem os vinhateiros franceses.

Entretanto, o sr. Rodrigues Gaspar ameaçado de morte ministerial, desde que foi a Belem aceitar o «mandatum» de organisar governo, vai vivendo como Deus é servido, só para fazer pirraça ao sr. dr. Pestana Junior que o não «grama» nem á mão de Deus Padre—que neste caso é como sabem o sr. Antonio Maria da Silva...

Por seu lado o sr. José Domingues dos Santos, emquanto os seus correligionarios malavindos almoçam na Povoa, vai a Leixões com o sr. dr. Sousa Junior inaugurar as novas obras do Porto, ás quais estes dois homens publicos têm dedicado um esforço digno do nosso melhor e mais sincero elogio.

«Et voilá»!

* * *

Ha dias no seu consultorio, á Praça do Bulhão, dizia-nos o sr. dr. Sousa Junior quando lhe pediamos uma entrevista:

—Não dou. Eu agora sou acima de tudo o Presidente da Junta Autonoma do Norte e trago a cabeça cheia de projectos e de ambições patrioticas. Só penso no Porto de Leixões. Deixe-me você levar a cabo a tarefa e verá o que ali fica. E' a vida, é o progresso, é o bem-estar do norte. Direi mais do Paiz. O Porto de Leixões ficará um porto de primeira ordem e o seu trafego ha de produzir o progresso imediato da nossa região. Esta, meu caro amigo, é que é a politica que eu neste momento ando fazendo e aquela com que me preocupo».

* * *

Amanhã está marcada reunião do Diretorio. Ha quem afirme que o Diretorio não reúne, como ha os que juram e trejuram que a coisa vai ser falada. Achamos, porém, que não ha ainda razão para sustos. Nestas emergencias o bom do nosso Padre Antonio Vieira costumava dizer: «não louvo nem condeno. Pasmo com as turbas.»

Tembem nós pasmamos da boa vontade de certa gente em querer á força que nós tomemos a nuvem por Juno. Ora ainda não ha muito o jornalista preguntava na estação de S. Bento ao sr. dr. Pereira Osorio, categorisado membro do Diretorio:

—Ha reunião no dia 2?

—Cuido que sim. Eu pelo menos vou lá.

—E temos reunião do Congresso?

—Havemos de ter, pois porque não?!

—Mas já?

—Para quê? Em Novembro chega, visto não haver motivo para o convocar mais cedo».

Vamos por esta opinião. Lá para o dia 3 de Novembro o sr. Rodrigues Gaspar mandará convocar o Congresso...

E convocado ele...

* * *

E convocado o Congresso, mas só em Novembro, visto que ninguem compreende que não tendo S. Bento trabalhado durante dez meses de sessões haja necessidade de o convocar antes disso, varias questões importantes surgirão na tela das discussões acaloradas. Inumeremo-los como é mister.

Em primeiro logar, a questão politica que obrigará o sr. Rodrigues Gaspar a passar alguns maus quartos de hora. E encaixadas na questão politica do sr. dr. Nuno Simões e Ferreira da Rocha levantarão de novo a questão dos tabacos; o sr. Carlos de Vasconcelos, dr. Vasco Borges e Sá Pereira a questão do jogo demonstrando que no interregno parlamentar se jogou desenfreadamente com pleno conhecimento e assentimento das autoridades; o sr. dr. Almeida Ribeiro tocará na questão do inquilinato e na ultima redacção que foi dada á respectiva lei, e um deputado, cujo nome não conseguimos averiguar, levantará de novo as questões da Casa da Moeda e da Exposição do Rio de Janeiro, para propor que os parlamentares que sejam entregues aos tribunais, não possam enquanto não forem julgados, exercer o seu mandatum.

* * *

Haverá ainda varias contradansas pessoais. O sr. tenente-coronel Pires Monteiro fará a sua adesão ao P. R. P., nele ingressando tambem, ao que se afirma, o sr. Agatão Lança. Quanto ao sr. Alvaro de Castro, tudo depende do seguimento que levar a discussão politica. Se o sr. Alvaro de Castro vir possibilidade de subtituir na chefia do governo o sr. Rodrigues Gaspar, o actual chefe dos accionistas, ingressará tambem nos democraticos, acompanhado pelos srs. Carlos de Vasconcelos, Americo Olavo, Carlos Olavo e Antonio Correia. Em caso contrario, o sr. Alvaro de Castro será nomeado para uma importante missão no estrangeiro, desfazendo-se o grupo da Acção Nacional Republicana e indo cada um dos seus membros para onde melhor lhes convier. A' margem de todos os partidos e de todos os grupos ficará apenas o sr. Alberto Xavier, cuja situação se torna cada vez mais periclitante após a acção energica exercida no ministerio das Finanças pelo sr. Soares Branco, por causa de quem o sr. Alberto Xavier se viu obrigado a pedir, como já pediu, uma licença bastante longa de Director Geral da Fazenda Publica...

NO BRAZIL

A obra

de saneamento

da fazenda publica

levada a cabo

PELO ACTUAL GOVERNO

RIO DE JANEIRO, 1.—Foi publicado o relatorio da comissão extra-parlamentar constituida em junho ultimo, segundo o modelo do «Gedds Committee», por figuras ilustres das sciencias economicas e financeiras e por membros em evidencia no Comercio, na Industria e na Agricultura, com o fim de proceder a um estudo do orçamento e, colaborando com o Parlamento e o governo, que tem dedicado o melhor dos seus esforços ao robustecimento economico, financeiro e administrativo do Brasil, propôr as medidas que entendesse necessarias para extinguir o «deficit» orçamental.

O longo documento, dirigido ao sr. dr. Artur Bernardes, que, com o ministro das Finanças, dr. Sampaio Vidal, tem feito uma notavel e elogiadissima administração financeira, ao mesmo tempo que tem dado todo o incremento aos grandes planos de desenvolvimento economico, é acompanhado por mais 7 relatorios parciais relativos a cada um dos ministerios.

O relatorio geral estuda o mecanismo financeiro e administrativo do país, examina meticulosamente todos os serviços principais, indica a necessidade de reformarem alguns e aumentarem outros, terminando por apresentar importantes sugestões.

Os relatorios especiais, estudando o orçamento de cada ministerio, apresentam sugestões cuja execução produzirá já no proximo orçamento uma economia de 128:380 contos. Esta economia será muito mais importante se as indicações do relatorio geral forem adoptadas. Os esforços do governo para equilibrar o orçamento são apreciadissimos pela imprensa de todo o Brasil.—(A.)

EVITOU-SE

uma nova catastrofe ferroviaria

Deve-se o não termos talvez que registar mais uma nova catastrofe ferroviaria ao zeloso chefe da estação de Chelas, que fez parar o «Sud Express», que saiu da estação do Rocio, pelas 12,30, e que passou á estação de Chelas, pelas 12,40, por estar avariada a agulha 7, de ligação da via escendente com a descendente, que foi encontrada aberta.

Imediatamente foi feita a reparação com todas os precauções.

UM GUARDA CIVICO

QUE AGRIDE UMA MULHER A SOCO

Ontem, andava pelos cafés da baixa, vendendo cautelas, uma pobre mulher de nome Virginia Augusta, rua Oliveira ao Carmo, 71, 1.º Um guarda da policia civica levou-a presa para a esquadra do posto do Nacional. Uma vez ali, como a desgraçada protestasse contra a sua prisão, um dos civicos entendeu que a melhor forma de a meter na ordem era agredi-la a sôco, de tal maneira que lhe deixou o olho esquerdo todo negro e o corpo cheio de equimoses.

A Virginia está num dos calabouços do governo civil.

Meca

está em poder dos Wahabitas

LONDRES, 1.—As ultimas noticias dizem que a cidade de Meca se encontra inteiramente nas mãos dos Wahabitas.

O Rei Hussein recusa terminantemente abandonar a «Cidade Santa» e solicitou o auxilio da Inglaterra.—(L.)

A AVIAÇÃO EM AFRICA

O aviador Emilio de Carvalho

concluiu o circuito norte de Angola

O governador de Angola enviou hoje ao sr. ministro das Colonias, um telegrama comunicando que o tenente aviador sr. Emilio de Carvalho, concluiu na manhã do dia 29, sem novidade, o circuito norte da provincia de Angola, realizado com o «Caudron».

O nosso consul em Boma, participou que o aviador foi muito festejado naquela cidade pela colonia portuguesa e população estrangeira, sendo recebido pelo governador geral do Congo Belga em audiencia particular assistindo este ao banquete oferecido pela colonia portuguesa.

O consul em Boma, colonia portuguesa e o governador do distrito de Zaire, pediu para que a ilha portuguesa Sarranbasca, onde o aviador aterrou, passe a denominar-se ilha Emilio Carvalho.

Todas as povoações do circuito festejaram o aviador e transmitiram saudações patrioticas. O aviador trouxe uma mensagem da população do distrito do Zaire, pedindo a conservação da aviação em Angola e carreiras regulares de navegação aerea.